

# Os sentidos da linguagem na epistolografia de Deir el Medina (1098-1070 a. C.): a contribuição de Jaroslav Cerny

Margaret Bakos<sup>1</sup>

## • Considerações introdutórias

O presente artigo, produto de longos anos de pesquisa sobre o tema<sup>2</sup>, constitui-se em uma breve síntese dos resultados que vêm sendo obtidos pelo Grupo de Pesquisa Africanidades, ideologias e cotidiano, para fins de apresentação, no evento **Língua e linguagem no Mundo Antigo**.

O objetivo maior do trabalho aqui apresentado é analisar o contexto de produção de uma carta em especial – aquela enviada pelo escriba Dhutmose a seu filho, Butehamun –, aqui exibida na íntegra e na escrita original, cujo conteúdo é ainda completamente desconhecido do público interessado no Brasil. A realização desta análise só foi possível pelo conhecimento anterior de que se dispunha da história familiar de Dhutmose, por ele mesmo registrada em uma ostraca<sup>3</sup> autobiográfica.

Mas, é preciso ressaltar, muitos outros artigos sobre o tema têm sido publicados no Brasil no âmbito da investigação realizada por este grupo de pesquisa, dentre os quais se destacam: (1) **Vivendo para a escrita: a formação do escriba na terra dos faraós**, de autoria de Adriano Fagherazzi, que apresenta uma interessante reflexão sobre as semelhanças entre os autores de epígrafes modernos e os escritos dos antigos escribas, todos eles considerados como agentes da comunicação, ou seja, como seres que se utilizam do *‘poder sobrenatural da escrita’*, para *‘nos fazer repensar nossas verdades e modos de ver o mundo: um poder tão grande que nem o tempo é capaz de apagar’*; (2) **Uma família de escribas**, de autoria de Anny Aldrey da Silva Conrad, que confere destaque à história do emissor das cartas de Deir el Medina, o escriba Dhutmose, autor dessas correspondências tão preciosas pelos relatos que contêm sobre o cotidiano dos escribas e sobre a função do pai de família, com ênfase no relevante papel desempenhado pelo egiptólogo theco Jaroslav Cerny (1898-1970) na localização dessas cartas, bem como nas possibilidades de sua transliteração para o português pelo nosso grupo de estudos.

Dhutmose, o escriba da tumba, morava e trabalhava em uma vila do Alto Egito conhecida como Deir el Medina, cujo nome, em árabe, significa *O mosteiro da vila*.<sup>4</sup> Nesse local habitavam os trabalhadores encarregados da decoração dos templos e tumbas dos faraós, de seus familiares e da nobreza egípcia em geral, a partir da XVIII dinastia (1550-

1307 a.C) e, ao longo das XIX e XX dinastias, até o início do chamado 3º período intermediário (1070-650 a.C).

Com a morte de Ramsés III, que determinou o final da XX dinastia, fase conhecida como Renascença, a área tebana tornou-se o palco de disputas de poder entre os vizinhos do Egito, os líbios e os núbios, que, posteriormente, iriam fundar, respectivamente, as XXII e a XXV dinastias. A tensão dos embates levou os egípcios a abandonarem Tebas e a corte a retornar ao Baixo Egito, com a criação da XXI dinastia. Nesse período, a vila de Deir el Medina foi desocupada pelos trabalhadores que se refugiaram, até o final da XX dinastia, no monumental templo funerário de Ramsés III, Medinet Habu (DEMARÉE; EGBERTS, 1992).

Dhutmose viveu nesse período final de atuação da cidade, quando os escribas eram mandados a viajar para as áreas de fronteira do Egito com a Núbia, arriscando a vida pela ação militar e sofrendo privações de toda espécie, além de saudades da família. A carta objeto deste artigo trata exatamente dessa sua experiência pessoal.

#### • **Correspondência como documentos históricos**

Uma certa parcela da historiografia costuma afirmar que, no antigo Egito, o homem pensava e atuava como um exemplar da sua espécie, sem firmar sua própria identidade, de modo a se destacar dos demais no mundo: ele era guiado sempre pela tradição, ainda que sua obra tendesse a alterá-la (MEYER, 1955, p. 178). Essa visão, a partir do final do séc. XX, vem-se modificando com a adoção de posturas críticas por parte de egiptólogos: esses pesquisadores, até então dedicados exclusivamente ao exame das fontes tradicionais da história egípcia, motivados principalmente pelo encontro e decifração de novos *corpi* documentais, tais como as ostracas de Deir el Medina, começaram a vislumbrar a possibilidade de analisar essas escritas como testemunhas do modo de vida público e privado dos antigos egípcios.

Como informa Jac Janssen (1922-2011), Jaroslav Cerny, egiptologista tcheco (1898-1970), é o responsável pela criação do termo ostracologia (JENSSEN, 1997, p. ix) a partir da descoberta de um grafite “*feito com a ponta de um chisel sobre uma rocha nas montanhas de Tebas, que ele traduziu*” (CERNY, 1973, p. 339), que continha a genealogia Dhutmose, registrada pessoalmente por ele.

Jac Janssen, depois de Cerny, foi um dos primeiros egiptólogos a incluir essas lascas de pedra ou cerâmicas, encontradas na vila de Deir el Medina, na categoria de fontes básicas da história egípcia<sup>5</sup>.

Em colóquio intitulado **Acontecimento, narrativas e história oficial do antigo Egito**, ocorrido em Paris, em 2002, Pierre Grandet, fundado no pressuposto de que tais relatos autobiográficos se configurariam como as matrizes de uma historiografia egípcia, produzida desde a IV dinastia (GRANDET, 2002, p. 187), propôs aos participantes uma reflexão mais detalhada sobre essas *escritas de si* realizadas por indivíduos.

Em 2005, Christophe Barbotin (Museu do Louvre) destacou o fato de que o Egito antigo sempre chegou ao conhecimento de todos, apresentado por uma aristocracia de funcionários, cujo poder e prestígio se sustentavam exatamente no domínio da escrita em um território de camponeses. Barbotin acredita que esse olhar dos antigos sobre o seu povo seja atualmente questionável. O egiptólogo francês reclassificou os escritos antigos em cinco categorias: textos memoriais, culturais, viáticos, documentários e literários, salientando que os primeiros estabelecem um diálogo permanente com o futuro, porque demandam aos receptores a leitura de suas mensagens. Por essa razão, tais textos auxiliam, na atualidade, a uma melhor compreensão do cotidiano, da propriamente dita dessas pessoas; informam sobre fatos administrativos e aspectos peculiares da organização social no Egito antigo. Assim, em alguns casos de revisão historiográfica, destaca Barbotin, as autobiografias aparecem como fontes históricas relevantes e mesmo decisivas para o estabelecimento de novos questionamentos sobre o passado egípcio.

Adotando esse pensamento, o presente artigo busca entender o contexto genealógico da ostraca que contém os nomes dos familiares do escriba Dhutmose, e o conteúdo de suas cartas. Como se verá, a carta em análise fornece, para além das indicações sobre a forma de vida da família de Dhutmose na vila, indícios sobre as características das atividades militares no local. O documento representa ainda uma espécie de *lembrança*<sup>6</sup>, o que, aliás, é o atributo caracterizador de todas *escritas de si* daquele tempo: elas falam de uma memória comum como fundamento da formação de uma memória coletiva<sup>7</sup>, eis que, no mundo semítico, a palavra, escrita ou pronunciada, tem força de realidade, isto é, faz reviver os mortos.

Acredita-se, assim, poder afirmar, com base nas reflexões desenvolvidas por Ciro Flamarion Cardoso em seu texto *Monumento e memória no antigo Egito*, que a carta de Dhutmose, embora fragmentada e breve, enuncia uma memória individual a partir do cotidiano de Deir el Medina, permitindo, com isso, inferências sobre as condições pessoais do escriba que traçou os rabiscos encontrados na ostraca.




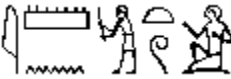
O fundamental desta escrita é justamente a constatação do registro da dimensão social dessa memória individual relatada pelo antigo escriba. Indubitavelmente, Dhutmose

escreveu sua história familiar na pedra porque esse era seu ofício, mas também porque lhe aprazia registrar a memória coletiva de Deir El Medina sobre sua genealogia. Seus escritos celebram o cotidiano agreste, o deserto tórrido do Saara, a rememoração e o convívio social em família e na sua comunidade, como os textos (HALBWACHS, 1990) do passado histórico.

É importante lembrar que os símbolos hieroglíficos e a escrita hierática foram criados no início do terceiro milênio a. C. e continuaram sendo inventados e desenvolvidos até o IV século d.C., passando, de um número inicial de 600 sinais básicos, para mais de 6.000 caracteres atualmente conhecidos. Isto significa que, no período raméssida, os escribas ainda precisavam criar palavras novas para compor os seus textos, mesmo os não literários. Nesse sentido, as *escritas de si* são, em relação àquela época remota, fontes raras e indispensáveis para o conhecimento da formação de um vocabulário com ênfase na vida familiar e comunitária, porque todos os termos tinham um caráter original, proveniente de emoções pessoais.

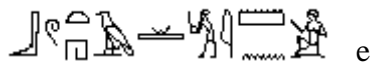
Sem dúvida alguma, o desenvolvimento da egiptologia tem, na inscrição de Dhutmose, que data do ano 18, primeiro mês da estação do inverno, dia 18 de Ramsés XI: uma contribuição fundamental.

Salienta-se que, dentre os feitos mais importantes realizados por Cerny, encontra-se, sem dúvida, seu achado e estudo sobre as inscrições feitas por Dhutmose. Eles datam do ano 18, primeiro mês da estação do inverno, dia 18 de Ramsés XI (1098-1070 a. C.) e fornecem as informações que seguem:

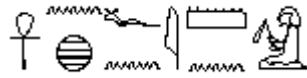
- (1) O escriba Dhutmose  DHUTMOSE filho de
- (2) O escriba Kha'emhedje  filho do escriba rei
- Harshire  HARSHIRE filho de
- (3) O escriba Amennakhte 

A partir desses dados, Jaroslav Cerny (1889-1970) obteve uma sequência ininterrupta de seis escribas, pois o filho e o neto de Dhutmose também se tornaram escribas reais, denominados respectivamente como:

Butehamun



Ankhefenamun



Ipuuy.

Yaroslav Cerny também descobriu que Amenenakhte, colocado por Dhutmose como o cabeça de seus ancestrais, era filho de um patriarca da vila



A data da indicação de Amennakhte como escriba marca o início do reinado de Ramsés III (1194-1163 a.C.). Com um nome bastante comum, ele sempre é referido, na correspondência, como Amennakhte, filho de Ipuuy, o escriba (CERNY, 1973, p. 342).

Amennakhe teve nove filhos. Todos foram, em várias ocasiões, designados como escribas, mas somente um se tornou o *escriba da tumba*, o sucessor do pai: chamava-se Harshire e era, provavelmente, o mais velho de todos os irmãos.

O neto de Harshire, também *escriba da tumba*, Dhutmose, devido à sua preocupação em registrar o nome de seus ancestrais na ostraca, legou contribuições valiosas para o conhecimento da história de Deir el Medina, ao configurar, por exemplo, as formas de transmissão de ofícios, ou demonstrar sua preocupação com o bem estar de seus familiares, o que fica atestado em correspondências por ele enviadas a amigos e companheiros de trabalho sempre que se ausentava da vila: elas, agora, prestam prestimosas informações sobre as condições e o modo de vida daquela comunidade.

Essas cartas, grafadas em língua neo-egípcia, desenvolvida durante o Novo Império, possibilitaram com que Cerny pudesse organizar um dicionário de neo-egípcio e uma gramática específica dessa escrita. Ele realizou um trabalho extraordinário de transcrição dessa correspondência, havendo publicado os resultados de seus estudos em um volume portentoso, utilizado pelos interessados nessa área de conhecimento. Em 1990, o egiptólogo norte-americano Edward Wente publicou um livro, contendo a tradução dessas epístolas para a língua inglesa.

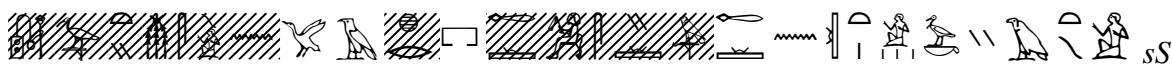
Em setembro de 2011, Waldemar Dalegonare, bolsista de iniciação científica do projeto **Correspondências de Deir el Medina: a vida cotidiana no tempo de Dhutmose (+- 1085-1070 a.C.)** e falante nativo de língua inglesa, tomou a iniciativa de escrever ao prof. Edward Wente, da Universidade de Chicago, solicitando informações sobre o material por ele publicado. O referido bolsista, que foi agraciado em 2011 com carta de louvor pela apresentação deste projeto no Salão de Iniciação Científica da Pontifícia

Universidade Católica do Rio Grande do Sul, recebeu, então, para júbilo de todos os participantes do grupo de pesquisa, uma carta resposta de Edward Wente, referindo-se de forma elogiosa e qualificadora à investigação desenvolvida pelo grupo. Nessa correspondência, em síntese, o prof. Wente cumprimenta a equipe da pesquisa aqui representada pela iniciativa original de transliteração para o português dessas cartas, cuja tradução para o inglês se constituiu no seu projeto de vida, devido à riqueza de informações que acrescentava à recuperação da história de Deir el Medina e do Egito antigo. O ilustre professor recomendou, na ocasião, a utilização de um texto por ele produzido sobre a língua neo egípcia e a adoção de dicionários diferenciados daqueles até então usados pelo grupo.

O projeto incentivado por Edward Wente recebeu, na ocasião, seu texto e livros que auxiliaram na decifração e transliteração de inúmeras cartas, sendo uma delas a publicada, pela primeira vez, neste artigo<sup>8</sup>.

Divulga-se, assim, na sequência, um dos documentos, dentre os cerca de 6 mil, praticamente intactos, encontrados em um poço, ao lado da muralha que cercava a cidade, possivelmente cavado pelos moradores, quando dali fugiram. Ele foi publicado no original por Yaroslav Cerny e traduzido para o inglês por Edward Wente, sendo transliterado e traduzido novamente, desta feita, para português dos hieróglifos e do inglês pelo grupo de pesquisa que aqui se representa.

**Carta de Dhutmose ao seu filho Butehamun (W295 C1)**



*DHwty-ms n pA xr aA Sps aA-n-ist bAk(-n-)mwt*

O escriba da grande e nobre necrópole Dhutmose [para] o superintendente Bak[en]mut,



*aA-n-ist imn-Htp Hm-nTr imn-[...] sAw qA-d-ra*

o superintendente Amenhotep, o servo do deus Amen[...], o guardião Kadere,



*pntAwmtt pAby Hr-umn-prf pA-xA-rw*

Pentaumte, Paby, Heramenpenaf, Pakhor,

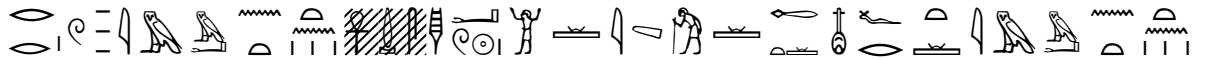


*nA rmTw-ist n pA xr r-Drw tw.i Dd n Hr*  
*HrySf*

[e] todos os trabalhadores da necrópole. Eu peço para Arsaphes,



*nb nn-nswt DHwty nb xmnw nTr nb nTrt nb nty tw.i sn*  
 Senhor de Heracleópolis, Thoth, Senhor de Hermópolis, todos os deuses [e] todas as  
 deusas [por] quem eu passar



*r imi ntt n anx wDA snb aHaw kA iAwt aAt nfrt imi*  
*nttn*

para dar-vos vida, prosperidade, saúde, um tempo de vida longo, e uma boa velhice, [e]  
 para que vós sejais



*Hsi m-bAH nTrw rmTw xr a.Tn xr a n nAy.Tn*

favorecidos na presença dos deuses e dos homens. Como vós estais? Como estão as vossas

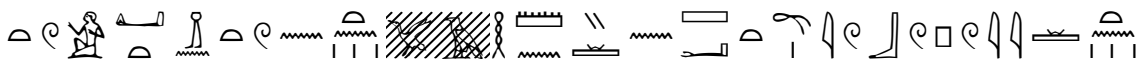


*rmTw yA tw.i anx.k m pA hrw m-dwAt Hr aw pA nTr*  
 pessoas? De fato eu estou vivo hoje; amanhã está nas mãos do deus.



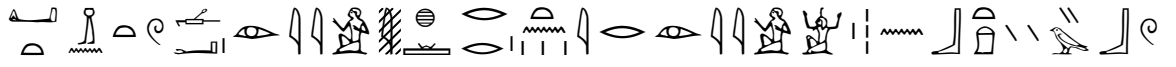
*ink pA nty ib r ptr.Tn r sDm a.Tn m-mnt iA-*  
*ix*

Eu sou aquele que deseja ver-vos e ouvir sobre vossa condição diariamente. Qual é o  
 sentido de




*tw.i imi-in.tw n.tn p³ hmn n šct iw bwpwy.tn*


eu enviar para vós muitas cartas enquanto vós não

  
*imi-in.tw wa iri.i ix r.Tn ir iri.i HH n btA*  
*bw*


enviastes uma [sequer]? O que eu fiz para vós? Se eu cometi inúmeros erros, não

  
*iri.i wa nfr imi smx xr ink pAy.Tn nfr bn*  
*ink*

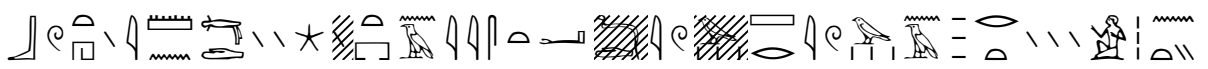
pode uma boa ação fazer com que sejam esquecidos? Pois eu sou bom para os vossos; eu não sou

  
*pAy.Tn bin iwnA ix Dd.Tn n imn nswt tAwy mr-sgr*

mau para os vossos, absolutamente. Por favor, clamai a Amon dos Tronos das Duas Terras [e] a Mereseger

  
*ini.i iw.i anx.k yar nAmaxAy mtw.Tn imi*  
*Hr.Tn n*

[para que] me tragam de volta vivo dos confins de Namekhay [e] dai vossa atenção a

  
*bwth-imm Sdm-dwA nAy.st aDdw-Sriw nA rmTw*  
*nty*

Butehamon, Shedemdua, suas crianças, [e] as pessoas que [estão]





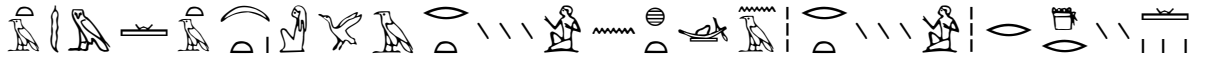
*m sxtw r tmi dit thA st ky ky Dd n anx nw niwt*

nos campos para impedir outro de fazer o mal a eles. Outro comunicado para as cidadãs



*tAnDm nAnA HnwtaA iry-mwt Ast bAkt-mwt krwi-nfr*

Tanedjeme, Nene Henutaa, Irymut, Isis, Baketmut, Kerinefer,



*tAnDm tA-sprt pA rmT n xt nA rmTw r-Drw*

Tanedjeme, Tasepa, o homem do barco, [e] todas as pessoas:



*ix Dd.Tn n imn ini.i yA wn mr.k m-di pH.i m xt xr bn*

por favor, clamai a Amon [para que] me traga de volta, pois estou doente desde que cheguei ao norte e não



*tw.i m pAy.i sxr iwnA tm di HAty.Tn m xt*

estou em minha condição [normal]. Não coloquês vossos corações em mais alguma coisa.




*wnn tAy Sat spr.Tn iw.i Sm r pA wBA n imn nswt  
tAwy*

Assim que minha carta chegar até vós, deveis ir ao santuário de Amon dos Tronos das Duas Terras,

  
*iTA nA aDdw-Sriw irm.Tn mtw.Tn*

levando as crianças junto convosco [e]

  
*swwnn n.f mtw.Tn Dd n.f Sdi.i*

persuadi-lo e dizer-lhe [para] me manter seguro.

Endereçamento:



*sS TAry n pA xr n sS bwth-imn n pA  
xr*

O escriba da necrópole Tjaroy para o escriba da necrópole Butehamon.

Como já se havia ressaltado, esta carta, escrita no final da XXI dinastia, está recheada de reflexões pessoais de Dhutmose, algumas delas com um surpreendente tom filosófico. A mais importante delas é a que expressa a aflição de Dhutmoses, no sentido de que sua mulher e filhos sejam atendidos em suas necessidades materiais. Ele, pensando que sua vida corre perigo, registra a tocante frase: “*De fato eu estou vivo hoje; amanhã está nas mãos do deus*”. Esta passagem comprova a visão teórica de Ciro Flamarion Cardoso sobre como a memória individual que pode ser buscada nesses textos egípcios, muito embora seus enunciados sejam fragmentados e breves.

Dhutmose também surpreende quando pede para ser julgado e lembrado pelas coisas boas que fez, quando se queixa do sofrimento por estar velho e doente, quando solicita que suas cartas sejam respondidas, quando suplica ao filho que motive a todos a pedirem por sua vida e saúde a Amon dos Tronos das Duas Terras, fazendo oferendas no Templo da Vila.

## • Apontamentos finais

Como se viu, as práticas de *escrita de si*, que constituem hoje um poderoso gênero próprio – a epistolografia –, datam de priscas eras. Elas podem evidenciar, com muita clareza, como uma trajetória individual obedece a um percurso que se altera ao longo do tempo. Elas também mostram como o período de tempo de vida de uma pessoa pode ser ‘decomposto’ em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho. Dhutmose bem instalado na Vila de Deir el Medina, rodeado por seus familiares, àquele exercendo o posto de escriba do exército, longe de todos os seus entes queridos, escrevendo sobre sua família, há, sem dúvida, uma mudança de tom, configurado pelo *desespero* que só uma *escrita de si*, destinada a um remetente de sangue e de confiança em tempos tão distantes, possibilita recuperar.

À guisa de conclusão, utiliza-se a fórmula mais comum e contraditória nas correspondências do Egito Antigo, empregada por esses egípcios, normalmente, para iniciar o contato com o receptor, mas que aqui se preferiu deixar para o final, como votos auspiciosos aos leitores: **vida, prosperidade e saúde!**

**Keywords:** Deir el Medina, epistolografia, Jaroslav Cerny

## Bibliografia

- BAKOS, M.M. **Fatos e mitos do antigo Egito**. 3. ed. Porto Alegre: Edipuc, 2014.
- BARBOTIN, C. **La voix des hiéroglyphes**. Paris: Institute Khéops, 2006.
- BIERBRIER, M.J. **Who was who in Egyptology**. London: Egypt Exploration Society, 1995.
- CARDOSO, C. Etnia, nação e antiguidade: um debate. Fronteiras e etnicidade no mundo antigo. **Anais do V Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos**. Pelotas, 15 a 19 de setembro, 2003. p. 87-105.
- CARDOSO, C. **Síntese da gramática do neogípcio** (Notas de Aula, UFF), 2011.
- CERNY, Jaroslav. **A community of workmen at Thebes in the Ramesside period**. Cairo: Institut Français d’Archeology Orientale du Caire, 1973.
- DEMARÉE, R.J. ; EGBERTS. **Village voices**. Leiden : Centres of Non-Western Studies Leiden University, 1992.
- DESSOUDEIX, Michel. **Lettres égyptiennes**. Normandie: Normandie Roto, 2010.
- FALLOT, Jean. **La pensée de L’Egypt antique**. Paris: Publisud, 1992.
- HARING, B. *In life, prosperity, health!*: introductory formulae in letters from the Theban necropolis. In: KESSLER, R.; SCHULZ, M.; ULLMANN, A.; VERBOVSEK, WIMMER, S. ed. **Texte - Theben - Tonfragmente. Festschrift für Günter Burkard** (Ägypten und Altes Testament 76). Wiesbaden, 2009, p. 180-191.
- JANSEN, J. **Village Varia. Ten studies on the History and administration of Deir el Medina**. Leiden: Nederlands Instituut Voor Nabije Oosten, 1997.

- KELLER, Cathleen. **The painters of Deir el-Medina in the Ramesside period** (Dissertation submitted in partial satisfaction of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy). Berkeley: University of California, 1971.
- KEES, H. **Ancient Egypt**. Chicago/London: The University of Chicago, 1961.
- LESKO, Leonard; LESKO, Barbara S. **A dictionary of late Egyptian**. Berkeley: B. C. Scribe, 1982-1990.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1990.
- MEYER, Eduard. **El historiador y la historia antigua**. México: Fondo de Cultura Económica, 1955.
- MONICA, Madeleine della. **La classe ouvrière sous les pharaons: étude du village de Deir el Medineh**. Paris: Librairie D’Amerique et D’Orient, 1973.
- REDFORD, Donald. The historiography of ancient Egypt. In: WEEKS, Kent. **Egyptology and the social sciences**. Cairo: The American University in Cairo, 1979. p. 19.
- SUBARA, Circe. **Deir el Medina: el pueblo sin nombre**. Disponível em: <http://www.egypt-circe.com/article-deir-el-medina-el-pueblo-sin-nombre-80128395.html>. Acessado em: 16 out 2012.
- TOSI; ROCCATI, A. **Stele e altre epigrafi di Deir el Medina**. Torino: D’Arte Fratelli Pozzo, 1972.
- VALBELLE, D. **Les ouvriers de la tombe: Deir el-Medina à l’époque ramesside**. Cairo: Institut Français D’Archéologie orientale de Caire, 1985.
- WENTE, Edward. **Letters from ancient Egypt**. Atlanta: Scholars Press, 1990.
- WILKINSON, Richard. **Understanding hieroglyphs**. London: Michael O’Mara, 1993.
- ZIEGLER, C. **Os artesões dos faraós**. São Paulo: Fundação Armando Álvares Penteado, 2012.

---

<sup>1</sup> Professora-adjunta aposentada do Departamento de História da UFRGS; pós-doutora em Egiptologia (University College London); doutora em História (USP); bolsista de Produtividade do CNPq. Bolsista da Fundação Araucária

<sup>2</sup> Desde o ano de 2008, vêm sendo desenvolvidos os seguintes projetos de pesquisa sobre o Egito antigo, com Bolsa de Produtividade – CNPq: O egiptólogo Yaroslav Cerny: avanços teórico-metodológicos nos estudos sobre a Vila de Deir el Medina (Contribuições de Yaroslav Cerny (1898-1970) para o conhecimento da história de Deir el Medina Correspondências de Deir el Medina: a vida cotidiana no tempo de Dhutmose (+- 1085-1070 a.C.) (2010- atua); História da Egiptomania no Brasil – séculos XIX, XX e XXI (2008-2010); Africanidades, ideologias e cotidiano (2009-2012). **Membros participantes:** Adriano Fagherazzi (Bolsa BPA 2011-2012, renovada para 2014 – PUCRS), Anny Aldrey da Silva Konrath (Bolsa PIBIC/CNPq, 09/2011 a 09/2013 – PUCRS), Waldemar Dalenogare Neto (Bolsa Fapergs, 08/2011 a 08/2012 – PUCRS).

<sup>3</sup> Ostraka é uma palavra de origem grega que significa fragmento de cerâmica usado como suporte da escrita na antiguidade.

<sup>4</sup> Deir el Medina era uma vila situada no Alto Egito, em um pequeno e estreito vale, à margem esquerda do Nilo, em frente à cidade de Tebas, essa desenvolvida à margem direita do rio. Ocupava a área compreendida entre dois santuários, Karnak, ao norte, e Luxor, ao sul, distantes um do outro aproximadamente 4 km, havendo permanecido com essa configuração por cerca de 450 anos, o que abarca o período da XIX e da XX dinastia. A vila viveu sua fase de maior prosperidade no decorrer da XIX dinastia.

<sup>5</sup> Ele é autor do clássico **Gleanings from Deir el Medina**, Egyptologische Uitgaven<sup>1</sup>, Leiden, 1982 e, juntamente com Rosalind Janssen, publicou obras clássicas sobre temas inusitados do cotidiano do Egito antigo, tais como **Growing up in ancient Egypt**. London: The Rubicon Press, 1990.

<sup>6</sup> O souvenir, tel fut bien le souci premier de l’élite lettré de l’Égypte ancienne. Car dire Le nome d’une personne, le lire sur une Pierre, c’était lui redonner l’existence en fonction du principe fondamental dans l’ancien monde sémitique que le mot, écrite ou prononcé, a force de réalité: rendre le culte funéraire, c’était “fazer viver o nome (BARBOTIN, 2005, p. 72).

<sup>7</sup> “(...) Não existe, *stricto sensu*, órgão ou mecanismo concreto algum que permita experimentar lembrança coletiva ou interindividualmente. Uma solução foi proposta em 1980, por dois pesquisadores, Yves Lequin e

---

Jean Mettral, ao distinguir três níveis: existe, em primeiro lugar, *uma memória individual* que opera no cotidiano; desta pode nascer, mediante recortes e adições, *uma memória comum*, que se manifesta na evocação que um grupo qualquer faça de seu passado; por fim, pode surgir ou não a *memória coletiva* (CARDOSO, cópia original cedida pelo autor).

<sup>8</sup> This is one of several letters we translated from the neoegyptian into portuguese. It is important to inform that we coted it with the translation made by Edward Wente and published in his book Letters from Ancient Egypt. One member of my group of study that is a native English speaking wrote to the author of the book and obtained valuable literature and also the Nice letter we are showing to you

Dear ...

I was excited when I first read your e-mail.

I am glad because I remember when I started doing this kind of research with my students in mid 50's early 60's. Great way!

The most important thing is that you're picking one of my favorite scribes of em'all. Dhutmose is a way to go, Mr. Neto.

Well, I'm sending (check annex, thanks to my dear friend Michael) to you one of my studies regarding Dhutmose. I wrote this in 1962, if I'm not wrong.

Let me remind you one thing: Despite the fact that the factual analysis of the letters of Dhutmose is/could be very hard, I think that your project is great. No one ever made a decent study about those letters. I always wanted to do that, but UC never backed me on this.

Regarding my approval, it's not with me that you have to deal, it's with the publisher.

All the best!

E.W